

Marcus Vinicius Sousa Rosa

**Espiritualidade e Psicologia Analítica:
um diálogo entre C. G. Jung e Emanuel Swedenborg**

Uberlândia-MG

2025

Marcus Vinicius Sousa Rosa

**Espiritualidade e Psicologia Analítica:
Um diálogo entre C. G. Jung e Emanuel Swedenborg**

**Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Instituto de Psicologia da Universidade Federal de
Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do
Título de Bacharel em Psicologia.**

Orientador: Prof. Dr. Tommy Akira Goto

Uberlândia-MG

2025

Marcus Vinicius Sousa Rosa

Espiritualidade e Psicologia Analítica:

Um diálogo entre C. G. Jung e Emanuel Swedenborg

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Tommy Akira Goto

Banca Examinadora

Uberlândia-MG, 24 de setembro de 2025

Prof. Dr. Tommy Akira Goto

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia-MG

Prof. Dr. Leonardo Ferreira Almada

Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia – MG

Prof.Dr. Gustavo Gastardelli de Oliveira Fontes

Universidade de Caxias do Sul – Caxias do Sul – RS

Uberlândia-MG

2025

Espiritualidade e Psicologia Analítica: um diálogo entre C. G. Jung e Emanuel Swedenborg

Resumo.

O presente artigo analisa a relação entre a Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung e a obra visionária de Emanuel Swedenborg, com ênfase nos aspectos espirituais que permeiam ambas as produções. A partir de uma pesquisa teórico-bibliográfica, o estudo evidencia as convergências e as divergências entre o pensamento visionário de Swedenborg e a construção teórica de Jung, particularmente no que concerne ao inconsciente coletivo, aos arquétipos, à individuação e à dimensão espiritual da *psique*.

Palavras-chave: Jung; Swedenborg; Psicologia Analítica; Espiritualidade; Arquétipos.

Abstract

This article analyzes the relationship between Carl Gustav Jung's Analytical Psychology and the visionary work of Emanuel Swedenborg, with an emphasis on the spiritual aspects that permeate both works. Based on theoretical and bibliographical research, the study highlights the convergences and divergences between Swedenborg's visionary thought and Jung's theoretical construction, particularly regarding the collective unconscious, archetypes, individuation, and the spiritual dimension of the psyche.

Keywords: Jung; Swedenborg; Analytical Psychology; Spirituality; Archetypes.

INTRODUÇÃO

Emanuel Swedenborg (1688-1772), nasceu em Estocolmo e faleceu em Londres, aos 84 anos. Um dos pontos principais da sua doutrina é da “Teoria das correspondências” entre o mundo espiritual e o mundo natural, tendo ele mesmo, estabelecido contato com o aludido mundo espiritual em Londres. Para Swedenborg(1758), o mundo natural é intrinsecamente ligado ao espiritual, formando uma unidade, da mesma forma que o universo exterior se conecta ao mundo interior do indivíduo

Alguns pesquisadores como Bishop, P. (2000) sugerem que Swedenborg pode ser considerado uma figura seminal para Carl G. Jung, fundador da Psicologia Analítica, especialmente ao examinar as profundas contribuições para o espiritualismo presente na teoria junguiana, notadamente nos conceitos de “arquétipos”, o conceito de “anima”, a relação inconsciente anima-animus,” dentre outros que serão abordados no decorrer do artigo. Contudo, como todo aquele que traz ideias novas, Swedenborg foi refutado por muitos de seus contemporâneos, principalmente porque suas teses iam de encontro com o materialismo da ciência da sua época. E tal atitude da comunidade científica gerou uma lacuna na literatura acerca da influência de Swedenborg na Psicologia Analítica de Carl G. Jung.

Esta lacuna pode ser parcialmente atribuída não apenas ao predominante materialismo científico do século XIX, que via o misticismo com ceticismo, mas também, como será explorado adiante neste trabalho, à própria descrição de Jung em reconhecer abertamente todas as suas fontes de experiência, especialmente aquelas ligadas a fenômenos espirituais ou “paranormais”, a fim de legitimar sua emergente Psicologia perante o *establishment* científico da época.

De fato, a obra de Jung revela uma forte ressonância com o pensamento de Swedenborg, uma conexão que este estudo busca demonstrar por meio de uma análise fundamentada, com ênfase nos aspectos espiritualistas que permeiam ambas as obras. Desta sorte, o objetivo deste artigo é demonstrar, através de uma análise consideravelmente fundamentada, que Emanuel Swedenborg influenciou Carl Jung na formulação de sua teoria com ênfase em seus aspectos espiritualistas.

Diante desse contexto, o objetivo deste artigo é explicitar, por meio de uma análise aprofundada e fundamentada, a influência de Emanuel Swedenborg sobre Carl Gustav Jung na

formulação de sua Psicologia Analítica, com especial ênfase nos aspectos espiritualistas que permeiam ambas as obras.

Assim, para alcançar tal propósito, o presente estudo está estruturado da seguinte forma: na primeira seção, será apresentada a trajetória pessoal de Carl Gustav Jung, sua formação e primeiras influências. A segunda seção abordará as convergências e rupturas teóricas entre Carl Jung e Sigmund Freud. A terceira seção se dedicará a Emanuel Swedenborg, explorando sua visão espiritual, os níveis de consciência e ascensão da alma, bem como as correspondências simbólicas entre Swedenborg e Jung, e discutirá a relutância de Jung em citá-lo. Por fim, a quarta seção aprofundará as principais comparações temáticas entre a teoria de Swedenborg e a Psicologia Analítica de Jung, consolidando a demonstração da influência de um sobre a obra do outro.

1. Carl Gustav Jung: trajetória pessoal, formação e primeiras influências.

A compreensão da Psicologia de Carl Gustav Jung, um dos mais influentes pensadores da Psicologia moderna, torna-se inseparável de sua própria trajetória de vida. A sua vasta produção teórica, que culminou na “Psicologia Analítica”, não foi gestada apenas em discussões teóricas da Psiquiatria e Psicopatologia de sua época, mas também em uma rica e complexa rede de experiências pessoais, familiares e intelectuais.

Esta seção se dedica a explorar os alicerces biográficos de Jung, mergulhando em sua infância, no ambiente familiar que o cercou – marcado por dualidades e profundas questões religiosas e espirituais –, e nas primeiras influências que pavimentaram o caminho para o desenvolvimento de seus conceitos fundamentais.

1.1 Infância e dualidade psíquica.

Carl Gustav Jung, nasceu em 26 de julho de 1875, em Kesswil, na Suíça. Filho de Paul Achilles Jung (1842–1896), pastor protestante da Igreja Reformada Suíça e de Emilie Preiswerk Jung (1848–1923), interessada em assuntos espirituais e que, para Jung, nutria uma dupla personalidade (a primeira personalidade era de uma casada, mãe de família e a segunda personalidade fazia pontuações importantes na vida de Jung no que tange ao misticismo) (Jung, 2021)

Dentre as influências da segunda personalidade materna, destaca-se a leitura pela genitora ao jovem Jung, de um livro sobre religiões exóticas, o que era e, ainda, é, uma leitura muito incomum para uma criança de tão tenra idade. Outra leitura significativa, também sugerida por sua mãe e perceptível nas diversas citações ao longo de seus escritos, foi o “Fausto” de Goethe (Jung, 2021).

No que se refere ao seu pai, Jung mantinha várias discussões de cunho religioso sobre a Bíblia, Deus e os Dogmas. Para Jung, seu pai pregava algo em que ele mesmo (o pai) não acreditava e não vivia. Enquanto para o pai bastava crer, para Jung a necessidade era viver a fé. Ou seja, para o genitor bastava a fé dogmática, mas Jung almejava que o pai a demonstrasse em sua vida. O pai, contudo, sempre se esquivava de responder. Outro ponto de discussão foi em relação a Trindade, pois Jung não compreendia como Deus poderia ser três (Pai, Filho e Espírito Santo) e, simultaneamente, apenas um. O pai, por sua vez, confessava nunca ter compreendido tal mistério e sugeria mudar de assunto, o que gerou uma grande decepção em Jung em relação à figura paterna (Jung, 2021).

Com o passar do tempo, Jung passa a ter pena do pai, pois o mesmo embora estivesse no Doutorado, tornou-se apenas um pastor pobre de uma pequena comunidade. Ao mesmo tempo, via o pai como dogmático apenas na teoria, em detrimento da prática, evidenciado por sua infelicidade conjugal, já que não dormia na mesma cama que sua esposa (Jung, 2021). Em suma, Jung sentia-se oprimido pela crença paterna e pela limitação do genitor quanto ao conhecimento teológico, na medida em que o pai não conseguia dissipar suas dúvidas.

A própria mãe de Jung percebia essa limitação, que se tornou evidente quando, com a morte do marido, ela viu um “salvo-conduto” para o caminho intelectual do filho. Essa dualidade de seus pais culminou no desenvolvimento de uma “dupla personalidade” em Jung, que ele denominou Personalidade nº 1 e Personalidade nº 2. A Personalidade nº 1 representava o menino que frequentava a escola e tinha amigos, mais voltada para o mundo externo, pragmático e cotidiano. Já a Personalidade nº 2 o impelia ao interesse pela subjetividade humana, pela natureza, filosofia, história e antropologia, levando-o a explorar a biblioteca do pai e a ler livros que estavam além de sua faixa etária. Em outras palavras, era uma personalidade voltada para o mundo interno, intelectual e teórico (Jung, 2021). Jung descreve essa experiência com clareza:

Perturbadíssimo, tomei consciência de que, na realidade, havia em mim duas pessoas diferentes: uma delas era o menino do colégio que não compreendia matemática e que se caracterizava pela insegurança; e outro era um homem importante, de grande autoridade, com quem não podia brincar – mais poderoso e influente do que aquele industrial. Era velho, que vivia no século XVII, usava sapatos de fivela, peruca branca e tinha, como meio de transporte, uma caleça cujas rodas de trás eram grandes e côncavas e entre as quais o assento do cocheiro ficava suspenso por meio de molas e correias de couro. (Jung, 2021, p. 20)

Nessa época, Jung teve um sonho onde andava contra uma tempestade, em um lugar deserto, segurando uma pequena luz nas mãos e percebendo que estava sendo seguido. Ao notar a perseguição, começou a correr em desabalada carreira e acordou. Ao analisar esse sonho, Jung concluiu que estava sendo perseguido pela Personalidade nº 2 (o inconsciente) e que a luz em suas mãos representava a Personalidade nº 1 (o seu consciente), a qual precisava proteger. Assim, após esse sonho, Jung passou a proteger mais seu lado consciente e a “esquecer” um pouco o lado inconsciente.

Essas personalidades também se manifestaram na escolha da profissão de Jung. Enquanto a personalidade nº 1 influenciava-o para as ciências naturais, a personalidade nº 2 exercia influência para a arqueologia e história. Diante dessa nova dualidade, Jung passou a prestar atenção nos seus sonhos. Dentre eles, notabiliza-se o sonho em que Jung estava escavando numa floresta e encontra ossos de animais pré-históricos. Algum tempo depois, Jung tem um novo sonho em que estava numa floresta e que de um lago, surge um animal colorido com várias células e órgãos que parecem tentáculos. Analisando os dois sonhos, Jung chega à conclusão de que deveria optar pelas ciências naturais (Jung, 2021).

Dentro das ciências naturais pensou em cursar Zoologia, almejando uma melhor situação financeira, optou pela Medicina como profissão. Essa escolha também foi motivada pela morte do pai, que, segundo ele, abriu caminho para que Jung se tornasse quem almejava. Nesse sentido, tornou-se célebre a frase da mãe após o óbito de Paul Achilles Jung: “Ele desapareceu na hora certa para você” (Jung, 2021, p.110)

Assim, pela liberdade oriunda da morte paterna, Jung se aproximou do Gnosticismo. O Gnosticismo, além de sustentar que o ser humano em sua essência é imortal, valoriza o

conhecimento proveniente da experiência direta, um princípio que futuramente seria fundamental para Jung no estudo da psique humana, especialmente em fenômenos subjetivos e no confronto com o inconsciente.

O Gnosticismo, amalgama-se com as ideias de Jung em relação ao pai, posto que aquele sempre acreditou na experiência de vida enquanto este pautava-se na teoria. Ainda em relação ao óbito paterno, cumpre ressaltar que Jung teve sonhos significativos com seu genitor. Cerca de um mês e meio após o desencarne de Paul Achilles, Jung sonhou que seu pai voltava para sua casa e dialogava com ele, afirmando estar agora curado. A partir desse evento, Jung passou a refletir acerca da vida após a morte (Jung, 2021).

1.2 Experiências espirituais e mediúnicas

Enquanto cursava medicina, Jung teve contato, na biblioteca da faculdade, com um livro sobre espiritismo que trazia vários relatos comuns que transcendiam épocas e lugares. Esses fenômenos, presentes em múltiplos contextos cronológicos e geográficos, chamaram a atenção de Jung, que futuramente desenvolveria a base para seu conceito de arquétipos (Guimarães, 2004).

Portanto, é fundamental ressaltar que antes mesmo de conhecer Freud, Jung já possuía um conhecimento espiritualista, adquirido não apenas através da análise dos sonhos, mas também de fenômenos à época denominados paranormais. Exemplos sobre isso incluem: um relógio parar exatamente no momento da morte de alguém, a rachadura inexplicável de uma mesa de nogueira em sua sala, sem intervenção humana ou de intempérie; e a quebra de uma faca de primeira qualidade em quatro pedaços no armário de sua cozinha, algo considerado impossível pelo cuteleiro (Jung, 2021).

Nessa mesma toada, Jung depara-se com uma parente paterna, Helene Preiswerk, que era médium e conduzia reuniões espíritas onde mesas giravam sem qualquer influência do mundo material. Demonstrando grande interesse pelo espiritismo, Jung, em conjunto com a Srta. Preiswerk, começou a organizar sessões espíritas aos sábados à noite, as quais perduraram por cerca de dois anos (Ellenberger, 1991).

Embora a Sra. Preiswerk (referida por Jung como *SW*) nem sempre se recordasse do que havia dito durante as sessões, ela afirmava peremptoriamente que as comunicações provinham de

espíritos de pessoas falecidas. Dentre esses desencarnados que comunicavam através da Sra. Preiswerk destaca-se, por ter sido o primeiro a estabelecer contato, seu avô, o reverendo Samuel Preiswerk. Após esse contato, outros espíritos, como Ulrich Von Gerbenstein e Ivénes, também se comunicaram por meio de *SW* (Ellenberger, 1991).

Durante o contato que teve com *SW*, Jung notou que a personalidade da prima apresentava tanto um aspecto exuberante quanto um sombrio, e que essas duas facetas atraíam espíritos de natureza similar. Mais tarde veio a saber que a sra. Preiswerk estava apaixonada por ele fato que despertou seu interesse em estudar a personalidade dela. A partir de então, Jung começou a compreender que não estava lidando com a voz dos desencarnados nessas sessões, mas sim com projeções de material inconsciente, isto é, com o que chamou de ‘realidades psicológicas’ (Ellenberger, 1991)

Tratava-se, pois, de uma luta da *SW* contra suas barreiras que impediam o desenvolvimento de sua personalidade. Está-se, aqui, diante do germe do que viria a ser chamado posteriormente, por Jung, de “Individuação”. Todos os relatos oriundos dessas reuniões deram origem à sua tese de doutorado, intitulada “Sobre a Psicologia e Patologia dos fenômenos ditos ocultos” (Jung, 1993). Esses elementos, futuramente, serviriam de base para a técnica da “imaginação ativa”.

1.3 Formação médica e aproximação com a Psiquiatria.

Durante seu curso na Faculdade de Medicina, e em meio às experiências transcendentais que o acompanhavam, Jung almejava ser cirurgião, o que era certo entre seus colegas e professores. No entanto, ao se deparar com um livro denominado “Manual de Psiquiatria de Krafft-Ebing” que falava sobre os aspectos subjetivos da psiquiatria, Jung sentiu uma forte emoção que o deixou sem fôlego. Isso ocorreu porque Jung identificou nessa área da medicina a confluência de sua paixão pelas ciências naturais com a subjetividade do espiritualismo, da antropologia e da história. A partir desse momento, Jung abandonou a cirurgia para escolher a Psiquiatria, o que, a princípio, o tornou malvisto pela comunidade acadêmica (Jung, 2021).

Nessa época, a Psiquiatria era uma das áreas mais desvalorizadas da medicina, devido ao limitado conhecimento sobre os pacientes e aos tratamentos restritos a choques, banhos e massagens. Mesmo assim, Jung começou a trabalhar em dezembro de 1900, no Hospital Burgholzli, tornando-se discípulo de Eugene Bleuler, que mantinha correspondências com Freud.

Sob a autorização de Bleuler, Jung passou a trabalhar com o seu criado “teste de associação”, técnica que consistia em mensurar o tempo de resposta do paciente após a apresentação de uma palavra pelo médico (Jung, 2021).

No atendimento a pacientes Jung concluiu que a terapia só se iniciava após um exame aprofundado da história do paciente. A título de exemplo, tome-se o caso da paciente com melancolia. A paciente fora internada em profunda melancolia após descobrir que sua grande paixão (um industrial que se casara com outra pessoa), havia dito que se arrependera do casamento e que ela, a paciente, era sua grande paixão. A internação ocorrera após a perda de um de seus filhos, que, por descuido na hora do banho, engolira água contaminada (Jung, 2021).

Jung, após ouvir a história da paciente, chega à conclusão de que sua melancolia estava ligada a sua paixão pelo industrial. Após a comunicação dessa descoberta, a paciente compreendeu a conexão e apresentou melhora, não necessitando de novas internações. Essa abordagem revolucionou a Psiquiatria da época, pois Jung não se limitava a simplesmente diagnosticar, como era praxe, mas se dedicava a investigar a história completa do paciente.

Para Jung (2021), a terapia e a análise são tão diversas quanto os indivíduos, e o terapeuta deve evitar ser sistemático. Ou seja, embora deva conhecer os métodos e técnicas, diante de um paciente não deve se prender rigidamente a eles. Em suma, diante de uma alma humana, que seja uma outra alma humana.

Nesse contexto, torna-se evidente que tanto o médico quanto o paciente têm contribuições a fazer. Isso quer dizer, o médico oferece cura ao paciente, mas o paciente também contribui para a cura do médico, estabelecendo uma relação de troca mútua.

2. Jung e Freud: convergências e rupturas teóricas.

A relação entre Carl Gustav Jung e Sigmund Freud representa um dos capítulos mais importantes e dramáticos na história da Psicologia Analítica, senão da Psicanálise. Inicialmente, essa parceria foi marcada por uma profunda afinidade intelectual e pessoal, vista por muitos como a garantia da expansão da Psicanálise. Contudo, as divergências teóricas e metodológicas emergiram de forma progressiva, levando a um inevitável rompimento que não só redefiniu a

trajetória de Jung, mas também impulsionou o desenvolvimento de sua própria abordagem: a Psicologia Analítica.

2.1 A relação pessoal e o vínculo simbólico

O encontro pessoal entre Freud e Jung se deu em 1907 na residência de Freud. O convite fora efetivado por Freud, movido pela necessidade de difundir as ideias da Psicanálise para além do círculo judaico-vienense. Jung, sendo um jovem médico interessado em Psicanálise e não sendo judeu e sendo suíço, representava uma figura estratégica para essa expansão. Nesse encontro que se estendeu por 13 horas ininterruptas, a imediata sintonia entre eles se evidenciou. Freud, buscando um sucessor que garantisse a universalização da Psicanálise, enxergava em Jung um "filho espiritual", enquanto Jung, por sua vez, encontrava em Freud a figura paterna que havia perdido (Jung, 2021).

2.2 Divergências em torno da sexualidade, religião e inconsciente

Embora as questões transferenciais tenham trazido a ideia de vínculo e amizade, Jung notou que, no que concerne à interpretação dos sonhos, Freud postulava a questão sexual como ponto fundamental, essencial. Para Freud, todo sonho seria, portanto, de natureza sexual inconsciente (Jung, 2021). Ocorre que para Jung, os sonhos poderiam ter outras conotações que não apenas a sexual como, por exemplo, sonhos de premonição, o que marcou um ponto de divergência crucial entre ambos. A esse respeito, Jung relata:

Tenho ainda uma viva lembrança de Freud me dizendo: “Meu caro Jung, prometa-me nunca abandonar a teoria sexual. É o que importa, essencialmente! Olhe, devemos fazer dela um dogma, um baluarte inabalável.” Ele me dizia isso cheio de ardor, como um pai que diz ao filho: “Prometa-me uma coisa, meu filho: vá todos os domingos à igreja! (Jung, 2021, p.158)

Jung prossegue, descrevendo sua indagação: “Um tanto espantando, perguntei-lhe: “Um baluarte – contra o que?” Ele respondeu-me: “Contra a onda de lodo negro...” Aqui ele hesitou um momento e então acrescentou: “....do ocultismo! (Jung, 2021, p.158).

Torna-se evidente, desde então, o prenúncio do rompimento da relação entre os dois, posto que Jung não era adepto de dogmas (o que remete ao conflito já abordado com seu pai), e preferia experienciar as situações, como todo gnóstico. Além disso, Jung nutria grande interesse pela parapsicologia, área que Freud denominava "ocultismo". Outro ponto de divergência residia na questão da religião, visto que para Freud a religiosidade estava ligada a sexualidade reprimida, com a libido substituindo a dimensão religiosa. Esse aspecto totalitário da sexualidade, postulado por Freud, desagradava profundamente a Jung, uma vez que reduzia o ser humano unicamente à sua dimensão sexual.

Diante de questionamentos formulados por Jung, que possuía, de fato, um arcabouço filosófico mais robusto que o de Freud, Sigmund sentia sua autoridade relativizada e experimentava conflitos pessoais. Nesse contexto de questionamento da autoridade freudiana, destaca-se o célebre episódio dos estalos na estante, narrado por Jung em “Memórias, Sonhos, Reflexões”:

Enquanto Freud expunha seus argumentos, eu tinha uma estranha sensação: meu diafragma parecido de ferro ardente, como se formasse uma abóboda ardente. Ao mesmo tempo um estalido ressoou na estante que estava a nosso lado, de tal forma que ambos nos assustamos. [...] Eu disse a Freud: “Eis o que se chama um fenômeno catalítico de exteriorização.” “Ah”, disse ele, “isso é um puro disparate! “De forma alguma”, repliquei, “o senhor se engana, professor. E para provar-lhe que tenho razão, afirmo previamente que o mesmo estalido se produzirá”. E, de fato, apenas pronunciara estas palavras, ouviu-se o mesmo ruído na estante. (Jung, 2021, p.163)

Conforme o próprio Jung descreve na obra acima, Freud sentiu sua autoridade por esse acontecimento extraordinário: “É certo, no entanto, que esse acontecimento despertou sua [de **Freud**] desconfiança em relação a mim; tive o sentimento de que lhe fizera uma afronta. Nunca mais falamos sobre isso” (Jung, 2021, p.163). Vale ressaltar que, a teoria psicanalítica não incorpora formalmente os fenômenos de cunho espiritualista.

Em 1909, Freud e Jung foram convidados para palestrar na *Clark University*, em *Massachusetts*. Durante a longa viagem de navio da Europa para a América, mantiveram o hábito de analisar os sonhos um do outro. Em um dos sonhos de Freud, Jung pede mais detalhes sobre a vida particular de Freud para poder interpretar melhor o sonho. Ato contínuo, Freud recusou-se a fornecer essas informações, alegando que temia perder sua autoridade, conforme relatado: “Freud

teve um sonho, cujo conteúdo não posso revelar. Interpretei-o mais ou menos, acrescentando que poderia talvez adiantar algo mais se ele me desse alguns detalhes suplementares, relativos à sua vida particular” (Jung, 2021,p.165).

Jung prossegue, descrevendo a resposta de Freud: “Tal pedido provocou em Freud um olhar estranho – cheio de desconfiança -, e ele disse: “Não posso arriscar minha autoridade!” (Jung, 2021,p.165). Para Jung, contudo, a resposta de Freud a sua indagação, revelava que a autoridade que o psicanalista tentava preservar havia se perdido, indicando um sinal claro do fim iminente da relação entre eles. Jung descreve essa percepção, verbis: “Não posso arriscar minha autoridade!”. Nesse momento, entretanto, ele a perdera! Esta frase ficou gravada em minha memória. Prefigurava já, em mim, o fim iminente de nossas relações” (Jung, 2021,p.165).

2.3 O rompimento e suas consequências para a Psicologia Analítica

O rompimento com Freud se deu não só por um fato isolado, mas foi o resultado de uma acumulação de divergências que, ao longo da amizade, culminaram no fim da relação. O estopim foi um sonho de Jung vivenciado enquanto ambos ainda estavam nos Estados Unidos.

O sonho em questão ocorreu em uma casa de Jung, com diversos pavimentos (2º andar, 1º andar, térreo e subsolo), que o próprio sonhador interpretou como representação da totalidade de sua psique. O 2º andar simbolizava o consciente, enquanto o térreo e o subsolo aludiam ao inconsciente, conforme ele descreve: “A consciência era caracterizada pela sala de estar e parecia habitável, apesar do estilo antiquado. No andar térreo já começava o inconsciente” (Jung, 2021,p.167).

Esse sonho destaca-se pela sua expressão simbólica da estrutura da *psique* em camadas. A casa, para Jung, representa a totalidade da *psique* humana, com seus diferentes andares correspondendo aos níveis de consciência e inconsciente. Nesse sentido assim afirma próprio Jung: “a casa representa, em sonhos, a imagem da psique, com seus diferentes andares correspondendo a camadas de consciência e inconsciente” (Jung, 2021, p.167). E por que a casa representaria a *psique*?

A interpretação de Jung (2021) ressalta que a casa, no sonho, é sua “minha casa”. simbolizando o santuário pessoal e a fronteira entre o "eu" e o mundo exterior. Dentro desse "lar",

o andar superior reflete a consciência e seus aspectos culturais (indicados pelos móveis em estilo rococó e quadros valiosos). Uma fronteira onde se admite os bem-vindos e alijar os não desejados. O lar é a manifestação da alma no mundo. Em contraste, o térreo, mais antigo e na penumbra, representa do inconsciente pessoal. A penumbra, nesse contexto, evoca o “arquétipo da sombra”, onde residem as questões não admitidas pelo consciente, "esquecidas" ou reprimidas.

Há um movimento de descida para o inconsciente, quando o sonhador se aprofunda na adega, em uma sala muito antiga, e, por fim, em uma gruta. Nesse aprofundamento, a descrição de ambientes progressivamente mais antigos, contendo resquícios de civilizações primitivas (ossadas, crânios, restos de cerâmica), evidencia a existência de um inconsciente que armazena sedimentos de experiências vivenciadas constantemente pela humanidade. Sobre a origem desses elementos, Jung ilustra: “Muitas vezes já me perguntaram de onde provêm esses arquétipos ou imagens primordiais. Suponho sejam sedimentos de experiências constantemente revividas pela humanidade” (Jung, 2022,p.44).

Em suma, o sonho de Jung deixa plasmada a ideia de um “inconsciente coletivo”, o que se opunha frontalmente à concepção freudiana da existência de apenas um inconsciente do tipo “pessoal”. Obtemperasse que o modo de ver freudiano, altera completamente a interpretação do sonho no que se refere aos aludidos crânios. Se existisse apenas o inconsciente pessoal, os crânios não poderiam simbolizar reminiscências de outras civilizações, mas sim a pulsão de morte do próprio sonhador (Jung, 2021).

Reitera-se, portanto, que para o inconsciente coletivo, os crânios muito antigos eram um símbolo da existência de civilizações e suas influências histórico-culturais. Na teoria freudiana, contudo, que postula somente o inconsciente pessoal, os crânios representariam a pulsão de morte de Jung, direcionada a si mesmo ou a outros.

Até aqui, ciente de onde Freud chegaria com a interpretação desse sonho, Jung (embora não compactuasse com a ideia de pulsão de morte que permeava na mente do pai da Psicanálise) optou por não iniciar uma discussão. Então, sentindo-se despreparado para tal confronto, inventou uma resposta, alegando que os dois crânios representariam sua mulher e sua cunhada. Essa "mentira" em relação às suas convicções pessoais causou-lhe profundo desconforto (JUNG, 2021).

Destarte, o episódio revela uma divergência teórica fundamental entre Jung e Freud, na medida que, Jung concebeu a ideia de “inconsciente coletivo” e de “arquetipos”, enquanto Freud defendia exclusivamente a existência de um inconsciente apenas biográfico.

O rompimento oficial e definitivo entre Jung e Freud ocorreu em 1913, arcado pela publicação da obra de Jung “Metamorfoses e símbolos da libido”. Os pontos de divergência que trouxeram a esse rompimento foram que para Jung: a libido não era de natureza exclusivamente sexual; o inconsciente não era somente de natureza pessoal, mas incluía uma dimensão coletiva; e o complexo de Édipo não era possuidor de caráter universal (JUNG, 2021).

Dentre os três pontos acima elencados, a ênfase deste trabalho se dará em relação ao fato de que a libido não era apenas e tão somente de cunho sexual como defendia Freud. Para Jung, questões transcendentais e espirituais também poderiam integrar a dinâmica da libido. Jung esclarece essa posição:

*Espalhou-se o erro de que não vejo o valor da sexualidade. Muito pelo contrário, ela desempenha um grande papel em minha psicologia, principalmente com expressão fundamental, **mas não a única**, da totalidade psíquica. Minha preocupação essencial era, no entanto, aprofundar a sexualidade, além de seu significado pessoal e seu alcance de função biológica, explicando-lhe o lado espiritual e o sentido numinoso (Jung, 2021, p.174)*

Conforme se observa na citação acima, Jung, ao introduzir os termos “espiritual” e “numinoso” – um conceito fundamental para descrever a experiência do sagrado que inspira fascínio e tremor –, evidenciava sua busca por uma redefinição da libido. Para Jung (2021), essa energia psíquica vital transcendia a dimensão puramente sexual, abarcando também as forças espirituais e as manifestações arquetípicas da *psique*.

3. Fundamentos espirituais da Psicologia Analítica: diálogo com Emmanuel Swedenborg.

O rompimento de Jung com Freud, como delineado na seção anterior, não significou o abandono da exploração do inconsciente, mas, ao contrário, possibilitou a Jung a liberdade para desenvolver sua própria abordagem: a Psicologia Analítica (Rocha, 2006). Essa nova via psicológica, ao resgatar elementos simbólicos e espirituais até então marginalizados pela

psicanálise freudiana, abriu espaço para o diálogo com pensadores cujas “visões” se alinhavam às suas experiências e buscas por uma compreensão mais abrangente da *psique*. Entre esses autores, destaca-se Emanuel Swedenborg, cuja obra compreendemos como fundamental para contextualizar as raízes espirituais da Psicologia Analítica (Kirsch, 2000).

3.1. À guisa de preliminar: distinção entre Espiritismo e Espiritualismo.

Antes de se adentrar à trajetória biográfica de Swedenborg, torna-se essencial distinguir os conceitos de “Espiritualismo” e “Espiritismo”, termos que, ao longo da história, foram por vezes empregados de forma imprecisa. A historiadora Mary Del Priore, em sua obra “Do Outro Lado – a história do sobrenatural e do espiritismo”, nos convida a compreender essa nuance a partir de um contexto histórico específico.

Segundo Del Priori (2014), no século XIX, quando as “mesas falantes” dos Estados Unidos cruzaram o Atlântico, a palavra inglesa *spiritualism* desembarcou na Europa. Na França, contudo, o termo “espiritualismo” já possuía uma acepção filosófica mais ampla, designando aqueles que acreditavam na imortalidade da alma e se opunham ao materialismo, sem que isso implicasse necessariamente a comunicação com os mortos.

Del Priori (2014) ainda enfatiza que, embora o termo “Espiritismo” seja moderno (datado do século XIX com Kardec), a prática de invocar ou se comunicar com os mortos (a necromancia) é antiquíssima, existindo desde tempos bíblicos e medievais. Por esse motivo, a autora sugere uma distinção entre um “espiritismo antigo” (a prática generalizada) e o “espiritismo moderno” (a doutrina sistematizada por Kardec).

Foi justamente essa ambiguidade que impulsionou Allan Kardec a cunhar o termo “Espiritismo” em 1857, buscando com ele nomear uma doutrina específica, sistematizada e dedicada à relação entre o mundo material e os espíritos, mediada por fenômenos mediúnicos (Del Priori, 2014). Kardec, no prefácio de sua obra “O Livro dos Espíritos” (1857/2006), estabelece essa distinção de forma clara:

Para se designarem coisas novas são precisos termos novos. Assim o exige a clareza da linguagem, para evitar a confusão inerente à variedade de sentidos das mesmas palavras. Os vocábulos, espiritual, espiritualista, espiritualismo têm acepção bem definida. Dar-lhes

outra, para aplicá-los à doutrina dos Espíritos, seria multiplicar as causas, já muito numerosas, de anfibologia. Com efeito, o espiritualismo é o oposto do materialismo. Quem quer que acredite haver em si alguma coisa mais do que matéria, é espiritualista. Não se segue daí, porém, que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. Em vez das palavras espiritual, espiritualismo, empregamos, para indicar a crença a que vimos de referir-nos, os termos espírita e espiritismo, cuja forma lembra a origem e o sentido radical e que, por isso mesmo, apresentam a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, deixando ao vocábulo espiritualismo a acepção que lhe é própria. Diremos, pois, que a doutrina espírita ou o Espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os espíritas, ou, se quiserem, os espiritistas. (Kardec, 1857/2006, p.15)

O Espiritualismo, portanto, afirma a existência de uma dimensão espiritual além da matéria e sustenta que a realidade não pode ser reduzida ao plano físico. É nesse horizonte que se insere Swedenborg, como representante de um espiritualismo de caráter teosófico e cristão-esotérico, cuja finalidade era descrever as leis do mundo espiritual a partir de revelações diretas e experiências visionárias. Nesse sentido assim descreve Swedenborg em sua obra o “Céu e o Inferno”:

O mundo espiritual é aquele no qual o homem entra após a morte e, por conseguinte, é o mundo no qual estão todos os homens, desde o primeiro até o último que nasceu. Esse mundo é tão vasto que não pode ser descrito em poucas palavras, mas pode-se afirmar que nele há coisas infinitamente mais numerosas e ordenadas do que no mundo natural. (Swedenborg, 1758/2001, p.80)

No que se refere ao espiritismo, trata-se de um movimento cronologicamente posterior, sistematizado por Allan Kardec no século XIX. Essa doutrina organiza um corpo de princípios próprios a partir da comunicação com os espíritos, da crença na reencarnação, na lei de causa e efeito e na prática mediúnica. No início da codificação, Kardec (1859/2007) definiu o Espiritismo como uma ciência voltada ao estudo da natureza, da origem e do destino dos Espíritos, assim como de suas relações com o mundo corporal.

3.2. Quem foi Emanuel Swedenborg

Emanuel Swedenborg nasceu em Estocolmo, em 1688, filho de Jesper Swedberg, pastor luterano e de Sarah Behm. Embora Sarah tenha falecido quando ele tinha apenas oito anos, Swedenborg destacou-se em sua formação, estudando na Universidade de Uppsala, onde se tornou reconhecido como engenheiro, matemático e cientista natural. Contudo, a partir da década de 1740, passou por uma profunda transformação espiritual, marcada por experiências visionárias que alteraram radicalmente o curso de sua vida intelectual (Kaplan, 1980). Em 1744, relatou ter recebido revelações divinas por meio de sonhos e visões (Swedenborg, 2001), nas quais lhe teria sido confiada a missão de reinterpretar as Escrituras e revelar à humanidade a estrutura e as leis do mundo espiritual. Nessas experiências, descreveu visitas ao céu e ao inferno, diálogos com anjos e espíritos e a vivência de estados de consciência pós-morte.

Sua obra sistematiza a convicção de que a realidade visível não pode ser compreendida sem referência ao invisível. Assim, ao propor uma “ciência espiritual” fundada nas correspondências entre o natural e o espiritual, Swedenborg afirma que todo o processo da existência humana se enraíza em causas divinas, e que a vida terrena encontra seu sentido último na orientação da alma rumo a Deus (Swedenborg, 2015).

Entre os princípios fundamentais da obra de Swedenborg, notabilizam-se: a “Teoria das Correspondências”, segundo a qual o que existe no mundo natural (material) decorre do mundo espiritual, ou seja, a realidade material (“mundo dos efeitos”) é efeito do plano espiritual (“mundo das causas”); e a estruturação da consciência humana em níveis ou Graus, que postula que a alma, por meio do livre-arbítrio do indivíduo, pode evoluir gradualmente de estados mais primitivos para estágios mais elevados de consciência. Essa evolução está intimamente ligada às escolhas éticas do indivíduo e à promoção de uma reforma interior durante a vida terrena (Stanley, 2007).

Para Swedenborg(2015), Jesus Cristo seria o modelo de plenitude espiritual, a expressão perfeita da Divindade encarnada na Terra, notabilizando-o como o paradigma do "Grande Homem". Kardec (1859), ao reconhecer a originalidade dessa doutrina, ressaltou precisamente esse princípio das correspondências, no qual as dimensões espiritual e natural se articulam como uma unidade, ligadas por influxo.

Cumprе destacar, por fim, uma distinção analítica importante para o diálogo com a psicologia analítica de Jung. Enquanto Swedenborg compreendia suas visões como revelações objetivas de um mundo espiritual autônomo e real, cuja existência é independente da mente

humana, Jung interpretava os sonhos e imagens visionárias como expressões simbólicas do inconsciente coletivo, ou seja, como formações psíquicas que não remetem a um “outro mundo” externo, mas revelam a dinâmica arquetípica interior da *psique* (Jung, 1993).

Essa diferença de perspectiva é decisiva para compreender tanto as aproximações quanto os limites do diálogo entre ambos os autores. Em “Psicologia e Alquimia”, Jung observa que Swedenborg descreve suas experiências visionárias com riqueza de imagens que não podem ser reduzidas a uma fantasia individual, pois se organizam de maneira análoga às estruturas simbólicas da alquimia e aos arquétipos universais. Segundo Jung (2013, p. 45), “as imagens de Swedenborg revelam, sob a forma de visões, o mesmo processo de transformação que os alquimistas representaram em seus símbolos e que nós reencontramos nos sonhos contemporâneos”. Para Jung, portanto, a contribuição de Swedenborg não se limita ao valor religioso ou místico, mas constitui testemunho empírico de como o inconsciente coletivo manifesta, em figuras visionárias, a dinâmica de transformação da psique em direção ao *Self*.

3.3. Das citações de Swedenborg por Jung.

É inegável o profundo interesse de Carl Jung pela obra de Emanuel Swedenborg. O próprio Jung expressou sua admiração e o impacto que os escritos do místico sueco tiveram sobre ele, conforme atesta: “Eu admiro Swedenborg como um ótimo cientista e um ótimo místico ao mesmo tempo. Sua vida e trabalho sempre foram de grande interesse para mim e eu li 7 grandes volumes escritos por ele quando eu era estudante de medicina” (Jung, 2021, p.114).

Apesar desse claro reconhecimento e da vasta leitura de Swedenborg em seus anos formativos, nota-se uma escassez de citações diretas do visionário sueco ao longo da vasta obra de Jung. Essa aparente reticência levanta uma questão crucial: por que Jung, tão influenciado em sua juventude, optou por uma discrição tão notável em relação a Swedenborg em seus trabalhos publicados? Por que Jung era relutante em citar Swedenborg?

A resposta a essa indagação reside, em grande parte, no contexto científico da época de Jung e em sua estratégia para legitimar a nascente Psicologia Analítica. No início do século XX, o campo da Psicologia buscava firmar-se como uma ciência empírica, distanciando-se de qualquer associação com o ocultismo, o misticismo ou a metafísica, considerados pouco rigorosos e, por vezes, pejorativos. Assim, talvez Jung, não quisesse se ver relacionado com um “místico” ou talvez

porque ao desenvolver conceitos tão inovadores como o "inconsciente coletivo" e os "arquétipos", compreendia a necessidade de ancorar sua teoria em bases que pudessem ser aceitas pela comunidade científica. Ele próprio afirmava seu método: “Eu abordo questões psicológicas a partir da ciência e não pela filosofia. Eu me restrinjo a observação do fenômeno e excluo qualquer consideração metafísica (Jung, 1958/1969, p. 2, citado por James, 2000, p. 26)

Paradoxalmente, essa relutância em citar explicitamente Swedenborg não diminui a influência, mas, ao contrário, a reforça. Assim, pode ser que o fato de Jung ter se preocupado em "esconder" ou reinterpretar essas fontes sugere que a conexão era profunda e formativa, não apenas um mero paralelismo accidental. O fato é que Jung bebeu na fonte de Swedenborg, na medida as psicologizou, transpondo conceitos do plano espiritual e metafísico para o domínio da *psique* humana e do inconsciente.

Apesar da pouca citação direta, a presença das ideias de Swedenborg na obra de Jung é manifesta em passagens que, mesmo indiretamente, remetem ao universo swedenborgiano. Dois exemplos notáveis incluem “A visão de um incêndio em Estocolmo” e o conceito de "Homo Maximus".

Na “Visão do Incêndio em Estocolmo”, Jung discute a capacidade de Swedenborg de "ver" um incêndio em Estocolmo a centenas de quilômetros de distância. Embora Jung tente oferecer uma explicação psicológica, relacionando o evento com a ideia de "correspondência" – um conceito central em Swedenborg –, ele reconhece a singularidade do fenômeno, sugerindo um "rebaixamento do limiar da consciência" que permitia acesso a um "conhecimento absoluto", onde "o incêndio em Estocolmo estava, em certo sentido, queimando nele também" (Jung, 1958/1969, p. 2, citado por James, 2000, p. 17). Comenta Jung:

Quando, por exemplo, surgiu na mente de Swedenborg a visão de um incêndio em Estocolmo, havia um incêndio real ocorrendo ali ao mesmo tempo, sem que houvesse qualquer conexão demonstrável ou mesmo concebível entre os dois. Certamente, não gostaria de me comprometer a provar a conexão arquetípica nesse caso. Gostaria apenas de apontar o fato de que na biografia de Swedenborg há certos elementos que lançam uma luz notável sobre seu estado psíquico. Devemos supor que houve um rebaixamento do limiar da consciência que lhe deu acesso ao “conhecimento absoluto”. O incêndio em

Estocolmo, estava em certo sentido, queimando nele também (Jung, 1958/1969, p. 2, citado por James, 2000, p. 17)

Isso demonstra como Jung, mesmo ao buscar uma interpretação psicológica, ainda se valia de eventos da vida de Swedenborg para ilustrar fenômenos psíquicos complexos que desafiavam explicações convencionais. Já em relação ao “Homo Maximus”, também comenta Jung diretamente:

O médico em mim refuta considerar que a vida das pessoas seja algo que não esteja em conformidade com as leis psicológicas. Para ele a psique de um povo é apenas uma estrutura um pouco mais complexa do que a psique de um indivíduo. Além disso, não falou um poeta das “nações de sua alma”? E com razão parece-me, pois em um de seus aspectos que a psique não é uniforme. De uma forma ou de outra, somos parte de uma psique abrangente em um único “homem maior”, o homo maximus para citar Swedenborg. (Jung, 1931/1958, p.176, citado por James, 2000, p. 26).

Aqui Jung cita Swedenborg ao se referir ao "Homo Maximus" (Grande Homem), uma ideia de que a humanidade coletiva funciona como um organismo maior, com correspondências espirituais. Ao afirmar que "somos parte de uma *psique* abrangente em um único 'homem maior', o *homo maximus* para citar Swedenborg" (Jung, 1931/1958, p.176, citado por James, 2000, p. 26), Jung revela uma apropriação explícita de um conceito swedenborgiano para descrever a natureza interconectada da psique humana e coletiva.

Esses exemplos, embora esparsos, servem como "pistas" de que Jung de fato leu e "bebeu na fonte" de Swedenborg. A linha espiritual e intelectual que Swedenborg delineou, especialmente em sua exploração das “correspondências” entre os mundos e a hierarquia da consciência está ligada, mesmo que como uma das contribuições, à construção de conceitos junguianos como o “inconsciente coletivo” e os “arquetipos”, como será explicitado nos tópicos seguintes.

4. Comparações temáticas entre Swedenborg e Jung.

Após delinear a trajetória de Jung, sua ruptura com Freud e a distinção conceitual entre Espiritualismo e Espiritismo, o objetivo agora é explicitar convergências temáticas que sustentam

a tese da influência swedenborgiana na construção da obra junguiana, especialmente no que tange aos aspectos espirituais e simbólicos da *psique*.

4.1 Arquétipos e Espíritos: mediações simbólicas da consciência.

Para iniciar a discussão sobre os arquétipos e espíritos, faz-se necessário fazer uma distinção cuidadosa as categorias de ambos os autores. Em Jung, o arquétipo pertence ao campo do psicológico: é uma estrutura *a priori* e transindividual do inconsciente coletivo que se manifesta por imagens, mitos e padrões comportamentais recorrentes (exemplos incluem Persona, Sombra, Grande Mãe, etc.), e que funciona como predisposição psíquica à experiência simbólica (Jung, 2011; Jung, 2013). Em Swedenborg, por outro lado, espíritos e anjos são descritos como entidades objetivas do mundo espiritual, dotadas de percepção e agência próprias, capazes de relacionar-se com os encarnados e de influenciar seus pensamentos e afetos segundo condições morais determinadas (Swedenborg, 2008).

Essa diferença é, em termos analíticos, de natureza ontológica e epistemológica, porque enquanto Swedenborg reivindica acesso por meio de revelações e experiências visionárias que atestariam a existência objetiva de um plano espiritual; Jung fundamenta sua teoria em dados clínicos, comparações culturais e técnicas imagéticas (sonhos, imaginação ativa), interpretando as imagens como expressões da dinâmica interna da psique. Ainda assim, observa-se uma notável convergência fenomenológica: ambos registram imagens autônomas, figuras-guia e experiências transformadoras. Por isso, ao traçar diálogos entre ambos, é metodologicamente recomendável falar em correspondência fenomenológica ou analogia funcional (por exemplo: “as figuras-guia de Swedenborg e os arquétipos de Jung desempenham, em suas respectivas cosmologias, funções mediadoras entre níveis profundos e a consciência”) em vez de assumir identidade ontológica entre espíritos e arquétipos. (Swedenborg, 2008; Jung, 2011; Jung, 2013).

Feita essa distinção, percebe-se que, enquanto em Jung as experiências pelas quais a humanidade já passou encontram-se sedimentadas no inconsciente coletivo; em Swedenborg, espíritos e anjos do mundo espiritual interagem com os encarnados, influenciando os pensamentos e sentimentos, de acordo com as condições morais do próprio indivíduo. Segundo Swedenborg (2008), essa interação é condicionada, ou seja, a capacidade de um ser encarnado de se comunicar com o plano espiritual não é concedida a qualquer um, mas sim a indivíduos capacitados divinamente.

Os espíritos ficam extremamente indignados, na verdade, irados, quando lhes dizem que os homens não acreditam que veem, que ouvem, que sentem pelo tato. Eles disseram que certamente os homens deveriam saber que sem sentidos não há vida e que quanto mais requintado o sentido, mais excelente a vida. Também que os objetos de seus sentidos são adequados à excelência de seus sentidos, e que os representantes que vêm do Senhor são reais, pois todas as coisas que estão na natureza e no mundo são derivadas deles. As palavras com as quais expressam sua indignação são que percebem pelos sentidos muito melhor e com mais excelência do que os homens (Swedenborg, 2008).

Reitere-se, pois, que a interação dos espíritos e anjos com as pessoas encarnadas depende da condição moral e dos estados interiores do indivíduo. A presença de primitividade e imoralidade internas tornaria a relação entre o espírito e a matéria mais complexa ou impossível, o que, conforme Swedenborg (2008), pode gerar “ira” nas entidades espirituais.

Em comparação com a teoria junguiana, percebe-se uma semelhança nos os pensamentos, na medida em que para Jung (2013), os conteúdos arquetípicos também se manifestam como imagens autônomas no inconsciente, surgindo nos sonhos, visões e estados alterados de consciência, e assumindo formas personalizadas de acordo com a cultura e a experiência de cada sujeito. De modo análogo a Swedenborg, que interpretava as figuras de anjos e demônios como representações de qualidades espirituais que aproximam ou afastam o indivíduo de sua essência divina; Jung entendia as figuras arquetípicas como personificações simbólicas de aspectos fundamentais da *psique* humana, como o Sábio, a Sombra, a Grande Mãe e o Herói que ajudam na ascensão espiritual e a “individuação” do ser humano (Jung, 2011).

Dessa forma, ambos os autores, reconhecem uma influência espiritual coletiva na consciência individual. Para Swedenborg os espíritos e anjos influenciam os estados interiores do indivíduo, enquanto para Jung os arquétipos emergem do inconsciente coletivo direcionam a formação e o desenvolvimento da personalidade.

4.2. Apropriação do conceito de Anima: de Swedenborg a Jung

Entre os arquétipos junguianos, a *Anima* (o lado inconsciente feminino presente no homem) e o *Animus* (o lado inconsciente masculino na mulher) revelam uma notável influência do pensamento de Swedenborg. Jung (2013) definiu a *Anima* como mediadora entre o *Ego* e o

inconsciente, responsável por conectar o sujeito a conteúdos profundos e transcendentais de sua psique.

Swedenborg, por sua vez, postulava uma constituição dual da alma humana, composta por uma parte masculina e outra feminina que se complementam. No plano espiritual, o teólogo descrevia entidades angélicas e espíritos femininos que influenciam a vida interior dos homens, visando conferir-lhes desenvolvimento moral e espiritual. Como se daria, então, esse desenvolvimento?

Para Swedenborg (2008), a evolução espiritual do indivíduo se concretizaria por meio da reconciliação dos princípios opostos; enquanto para Jung (2014), a integração das polaridades internas da *psique* (incluindo os aspectos masculino e feminino, representados pela *Anima* e *Animus*) é o caminho essencial para que o ser humano rumo a “individuação”.

4.3. Ascensão por Graus em Swedenborg e Estágios de Individuação em Jung Outra forte influência do pensamento swedenborgiano na teoria de Jung reside na concepção dos estágios de individuação.

Para Swedenborg a vida humana não termina com a morte física, mas continua no mundo dos espíritos, onde a alma permanece por um tempo antes de seu destino final (o Céu ou o Inferno). É de bom alvitre ressaltar que as escolhas feitas enquanto encarnado determinarão para esse destino: ações que aproximam o indivíduo do bem e do Divino conduzem ao Céu, enquanto o apego a desejos egoístas e materiais direciona ao Inferno. Ou seja, se enquanto encarnado na Terra tem ações que o aproximam do bom e do Divino irá para o céu, se se afunda nos desejos egoístas e materiais, o inferno é seu destino certo. Nesse sentido ensina Kardec ao falar sobre Swedenborg:

Swedenborg divide o mundo dos Espíritos em três lugares diferentes: os céus, os intermediários e os infernos, mas sem lhes assinalar um lugar. “Depois da morte”, diz ele, “entramos no mundo dos Espíritos. Os santos se dirigem de boa vontade para um dos três céus e os pecadores para um dos três infernos, de onde jamais sairão (Kardec, 1859,p.441).

A ascensão do peregrino espiritual, nessa perspectiva, está intrinsecamente ligada com o processo de purificação moral e interiorização do amor ao bem e à verdade, que se dá com o livre arbítrio do ser humano que é livre para escolher entre o bem e o amor ou às paixões mundanas

(Swedenborg, 2008). Tal processo de ascensão se dá com o auxílio de anjos ou espíritos (que são atraídos pelas vibrações de cada ser humano) que ajudam o homem a discernir entre as verdades superiores e as paixões terrenas. Em um sentido análogo, os arquétipos junguianos atuam como guias e mentores que conduzem o “processo de individuação”.

O processo de ascensão espiritual de Swedenborg, de fato, apresenta semelhanças significativas com os estágios do processo de individuação proposto por Jung. Segundo Jung (2013), ao individuar-se o ser humano torna-se um indivíduo que realiza sua singularidade e totalidade, tornando-se um ser distinto. Isso implica o desenvolvimento das características universais do indivíduo, integrando conteúdos inconscientes à consciência, harmonizando polaridades psíquicas como a Sombra, a *Anima/Animus* e o Self. Essa teoria junguiana demonstra a influência da visão swedenborgiana na qual o espírito humano percorre estágios gradativos que se iniciam em regiões terrenas – onde vícios e paixões são predominantes – e se elevam para esferas mais sutis à medida que a alma se purifica no bem e no amor (Swedenborg, 2008).

Ainda, para Jung (2011), o caminho rumo à individuação parte do enfrentamento do ser humano com a sua “Sombra” (onde habitam os aspectos ocultos e rejeitados da personalidade). A partir daí, na mesma linha de Swedenborg (que discute o apoio das entidades espirituais e angelicais para que o indivíduo possa elevar-se moralmente e encontrar com o indivíduo), Jung enfatiza a necessidade de homeostase entre a sizígia *Anima* e *Animus* para que o indivíduo possa estabelecer ao fim e ao cabo a sua individuação.

Observa-se, igualmente, semelhanças entre as teorias no que se refere ao estágio final, tanto da ascensão quanto da individuação. Isso porque para Swedenborg (2015), o referido estágio final ocorre quando o espírito nutre em si o predomínio do amor desinteressado e a plena comunhão com o divino. Enquanto, para Jung (2014), o aludido estágio derradeiro, denominado *Self*, é marcado pela transcendência e sensação de integração com o todo na chamada individuação onde acontece a união de opostos (como *Anima* e *Animus*) e a totalidade.

Destarte, a estrutura análoga entre a jornada espiritual proposta por Swedenborg e o processo de individuação proposto por Jung é evidente. Ambos os sistemas propõem que o Ego se despoje de suas paixões e ilusões mundanas, integre suas questões conscientes e inconscientes, para que se possa alcançar um nível mais elevado de espiritualidade. Essa convergência revela a influência indireta do pensamento espiritualista europeu, incluindo Swedenborg, na construção da

psicologia arquetípica e da concepção de desenvolvimento psíquico elaboradas por Jung (Kaplan, 1980; Kirsch, 2000).

4.4. Cristo como centro do "Grande Homem" (Swedenborg) e símbolo do Self (Jung).

Conforme se tem demonstrado nesse estudo, as semelhanças teóricas entre Swedenborg e Jung são notáveis, mas também no que se refere à figura de Cristo em relação ao ser humano.

Para Emanuel Swedenborg (2008), o Senhor (Cristo) é o centro do "Grande Homem" (que representa o Céu); Ele é a imagem perfeita do divino e o modelo de plenitude espiritual. De forma análoga, para Carl Jung (2022), Cristo simboliza o arquétipo do *Self*, sendo o modelo da totalidade e da união dos opostos (divino e humano, consciente e inconsciente).

Ainda, Swedenborg descreve a natureza de Deus: “Deus é o Eu, o Único e o Primeiro, chamado Ser e existindo por Si mesmo, Fonte de todas as coisas que são e existem [...]. Ele também revelou na Palavra que Ele é o Eu Sou ou Ser, o Eu e o Único que está em si mesmo, e, assim, o Princípio e a fonte de todas as coisas” (Swedenborg, 2015, citado por Stanley 2007, p. 68).

Nesse contexto, Swedenborg (2008) enfatiza que o Senhor é Cristo:

*Que todos tenham cuidado de pensar que o Sol do mundo espiritual é Deus. Deus por si só é Homem. A primeira manifestação de Seu amor e Sabedoria é uma coisa espiritual flamejante que aparece perante os anjos como um sol. Por essa razão, quando o Senhor Se manifesta aos anjos pessoalmente, **manifesta-Se como Homem...*** (Swedenborg, 2015, citado por Stanley, 2007,p.69)

Portanto, para alcançar a condição de um "Grande Homem", o indivíduo, segundo Swedenborg (2008), deve extrair a iluminação de seu eu interior, que é Cristo – uma visão interna. Nesse sentido, Jung (2022) corrobora essa perspectiva ao afirmar que “A exigência da *‘imitativo Christi’*, isto é, a exigência de seguir seu modelo, tornando-nos semelhantes a ele, deveria conduzir o homem interior ao seu pleno desenvolvimento e exaltação” (Jung,2022,p.119)

É fundamental ressaltar que, para Jung (2022), seguir o modelo do Cristo deve ser de maneira interior e não meramente exteriormente. Adotar uma postura apenas externa implicaria o risco de o indivíduo transferir a Cristo a "cruz" de seus próprios pecados, tornando-se mais fragmentário. Jung (2022) adverte:

Cristo enquanto modelo, carregou os pecados do mundo. Ora, quando o modelo permanece totalmente exterior, o mesmo se dá com os pecados do indivíduo, o qual se torna mais fragmentário do que nunca; o equívoco superficial em que incorre lhe abre o caminho fácil de jogar literalmente sobre Cristo seus pecados, a fim de escapar a uma responsabilidade mais profunda, e isto contradiz o espírito do Cristianismo (Jung, 2022, 119).

Assim, Cristo é o símbolo a ser seguido interiormente, representando o modelo de *Self*. O Bem, nessa concepção, equivale a imitação incondicional do Cristo; enquanto o mal, traduzido na fraqueza moral do homem para as paixões mundanas, configura-se o principal obstáculo. Consequentemente, quando a teoria psicológica de Jung estimula a busca da “individação”, ela incentiva a busca por esse modelo interno de Cristo, conforme Swedenborg já havia visualizado.

4.5. Swedenborg: a vida plena e a totalidade psicológica em Jung.

Como analisado previamente, tanto Swedenborg quanto Jung valorizam a integração dos opostos como *conditio sine qua non* para a realização do ser humano em sua completude. Nesse sentido, Swedenborg refuta a doutrina ascética que pregava o afastamento do mundo material como meio para a elevação da alma. Para ele a evolução espiritual carece da superação dos obstáculos promovidos pelas paixões mundanas, em uma verdadeira integração de opostos.

Em “O Céu e o Inferno” (1758) e “Arcana Coelestia” (1749), Swedenborg advoga que a elevação espiritual se concretiza por meio das adversidades do mundo. São essas experiências que levam o indivíduo a fazer escolhas – éticas ou não – segundo seu livre-arbítrio, determinando seu desenvolvimento espiritual.

A psicologia de Carl Gustav Jung segue uma linha de pensamento similar, em que o conceito de totalidade psíquica (*Self*) reside na integração do consciente, do inconsciente pessoal e do inconsciente coletivo. Logo, a realização do *Self* depende da aceitação e integração das polaridades inerentes à Sombra, na *Anima/Animus* e aos instintos, e não no isolamento espiritual ou na renúncia dos aspectos sombrios da personalidade. Torna-se evidente, assim, que Jung, a semelhança de Swedenborg, também refuta a visão ascética e unilateral do desenvolvimento humano.

Destarte, para ambos os autores, a integração entre Céu e Terra, espírito e corpo, aspectos numinosos e sombrios, bem como o amor e vícios mundanos, são elementos fundamentais para a elevação espiritual ou o processo de individuação.

4.6. A dinâmica entre *Proprium Humano* e *Proprium Celestial* (Swedenborg) e a Relação Ego-Self (Jung).

De acordo com Swedenborg, o "*proprium* humano" – a inclinação inata à autogratificação e autojustificação – está em constante processo de modificação pelo "*proprium* celestial", uma dimensão divina presente na alma individual. Esta dinâmica assemelha significativamente à relação entre Ego e *Self* na psicologia junguiana.

Segundo Swedenborg (Stanley, 2007) o "*proprium* humano" consiste em tudo que é mau e falso, amor-próprio e do amor pelo mundo material. Ele descreve indivíduos dominados por essa dimensão como aqueles que não creem em Deus ou na Palavra, mas apenas em si mesmos, e que descartam como inexistente tudo o que não pode ser percebido pelos sentidos ou fatos empíricos.

O "*proprium* humano", caracterizado por sua obnubilação por paixões mundanas e distanciamento de Deus, leva a concepções distorcidas, onde o bom é visto como mau, o verdadeiro como falso, e vice-versa. Contudo, esse *proprium*, voltado para interesses egoístas e materiais, é continuamente modificado pelo "*proprium* celestial", que representa a presença do divino na alma humana, orientando o indivíduo para o bem, a verdade e a integração espiritual.

Essa relação transformadora entre o "*proprium* humano" e o "*proprium* celestial" encontra um paralelo na psicologia de Jung, especificamente no conceito de "função transcendente". Na acepção de Jung (2015), a função "transcendente" é um processo psíquico mediador que possibilita a articulação entre os conteúdos conscientes e inconscientes, os quais estão, habitualmente, em desacordo entre si (sendo a consciência muitas vezes compensatória em relação ao inconsciente). Através desse processo mediador, torna-se possível que conteúdos simbólicos emergjam e sejam integrados de forma criativa, a fim de que um novo sentido apareça possibilitando a "individação."

Desta sorte, a correspondência é perfeita entre as teorias, pois enquanto o "*proprium* celeste" busca modificar os vícios mundanos existentes no "*proprium* humano" para elevar o ser espiritual; a "função transcendente" visa mediar as oposições entre consciente e inconsciente, permitindo que conteúdos simbólicos (como os presentes em sonhos) emergjam e sejam integrados de forma criativa, conduzindo o indivíduo ao caminho da individuação.

É importante salientar que tanto “*proprium* celestial” quanto a “função transcendente” representam dimensões superiores que atuam intrinsecamente no ser humano, impulsionando seu desenvolvimento espiritual, moral e ético.

4.7. Visão Espiritual (Swedenborg) e Imaginação Ativa (Jung): técnicas de acesso ao Inconsciente.

Na obra de Swedenborg se observam várias interlocuções do autor com o plano espiritual, por meio das quais ele estabelecia contato com anjos e espíritos. Essas interlocuções, que podiam se dar por intermédio de sonhos, estados de transe ou em vigília, foram denominadas pelo autor como “visão espiritual”. Relatos históricos, inclusive, indicam que Swedenborg fazia uso de grandes quantidades de café para manter-se desperto e, assim, intensificar suas visões em estado de vigília, o que, de certa maneira, pode ser compreendido como uma forma de estímulo ao hemisfério cerebral responsável pela construção de imagens e associações simbólicas (Swedenborg, 2001).

Em uma abordagem análoga às “visões espirituais” de Swedenborg, Carl Jung desenvolveu a técnica da “imaginação ativa”. Por meio dela, o indivíduo dialoga conscientemente com imagens oriundas do inconsciente a fim de integrar esses conteúdos à consciência. Para Jung (2013), a “imaginação ativa” possibilita acessar os arquétipos do inconsciente coletivo e trabalhar os conflitos psíquicos de forma simbólica e criativa.

É oportuno frisar que, tanto Swedenborg quanto Jung utilizaram-se de técnicas que evocavam imagens simbólicas que atuam como ponte entre a consciência ordinária, o inconsciente e seus arquétipos (Jung) e o plano espiritual (Swedenborg).

Por fim, ao longo deste item, tentou-se identificar algumas breves e intrincadas comparações temáticas entre o pensamento de Emanuel Swedenborg e a Psicologia Analítica de Carl G. Jung. Buscou explicitar que, apesar das distintas abordagens ontológicas sobre a natureza dos “espíritos” e dos “arquétipos” – um os concebendo como entidades objetivas e outro como estruturas psíquicas –, ambos convergiram na percepção de uma influência supra pessoal e coletiva sobre a consciência individual. Em retrospecto, essas convergências teóricas sublinham o significativo legado espiritual de Swedenborg na construção da psicologia junguiana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como propósito fundamental explorar a importante e sutil influência de Emanuel Swedenborg sobre Carl Gustav Jung e o desenvolvimento da Psicologia Analítica, com especial atenção às dimensões espirituais que perpassam a obra de ambos. Ao longo da análise, demonstrou-se que, apesar das distinções ontológicas – Swedenborg concebendo “espíritos e anjos” como entidades objetivas de um mundo espiritual, e Jung interpretando os “arquétipos” como estruturas psíquicas intrapsíquicas –, ambos os pensadores revelam convergências significativas.

Estas se manifestam, por exemplo, na analogia entre a ascensão por “graus” swedenborgiana e o “processo de individuação” junguiano, na apropriação do conceito de *Anima* e na compreensão da figura de Cristo como modelo de totalidade e do *Self*. Adicionalmente, o diálogo estende-se às dinâmicas do “*proprium* humano e celestial” em paralelo à relação Ego-Self e à função transcendente, culminando na afinidade entre a “visão espiritual” de Swedenborg e a técnica junguiana da “imaginação ativa” como vias de acesso às profundezas da *psique*. A persistência dessas correspondências temáticas evidencia que a transformação humana, em ambas as perspectivas, é indissociável da abertura a dimensões que transcendem a consciência imediata.

Por fim, do ponto de vista acadêmico, este estudo reforça a tese de que a espiritualidade, longe de ser meramente compreendida apenas como crença religiosa, constitui uma dimensão constitutiva da *psique* humana, oferecendo subsídios relevantes para a Psicologia Analítica e para o debate contemporâneo sobre subjetividade.

REFERÊNCIAS

- Bishop, P. (2000). *Synchronicity and intellectual intuition in Kant, Swedenborg, and Jung*. Edwin Mellen Press.
- Del Priore, M. (2014). *Do outro lado: A história do sobrenatural e do espiritismo*. Planeta.
- Ellenberger, H. F. (1991). The story of Helene Preiswerk: A critical study with new documents. *History of Psychiatry*, 2(2), 41–72.

- Guimarães, C. A. F. (2004). *Carl Gustav Jung e os fenômenos psíquicos*. Madras.
- James, L. (2000). *Jung and Swedenborg on God and life after death*. Swedenborg Foundation.
- Jung, C. G. (1958). The spiritual problem of modern man. In H. Read, M. Fordham, & G. Adler (Eds.), *The collected works of C. G. Jung* (Vol. 10, 2nd ed., R. F. C. Hull, Trans., pp. 73–110). Princeton University Press. (Original work published 1931)
- Jung, C. G. (1969). *Psychology and religion: West and East* (R. F. C. Hull, Trans.; 2nd ed., Vol. 11). Princeton University Press. (Original work published 1958)
- Jung, C. G. (1993). *Sobre a psicologia e a patologia dos fenômenos ditos ocultos* (M. A. Werneck, Trad.). Editora Vozes. (Obra original publicada em 1902)
- Jung, C. G. (2011). *Aion: Estudos sobre o simbolismo do Si-mesmo* (7ª ed., M. Appenzeller, Trad.). Vozes. (Obra original publicada em 1951)
- Jung, C. G. (2011). *Psicologia e religião* (8ª ed., P. H. Tavares, Trad.). Vozes. (Obra original publicada em 1940)
- Jung, C. G. (2011). *Sincronicidade: Um princípio de conexões acausais* (6ª ed., M. Appenzeller, Trad.). Vozes. (Obra original publicada em 1952)
- Jung, C. G. (2013). *O eu e o inconsciente* (2ª ed., D. P. Ribeiro, Trad.). Vozes. (Obra original publicada em 1928)
- Jung, C. G. (2013). *Psicologia e alquimia* (2ª ed., D. P. Ribeiro, Trad.). Vozes. (Obra original publicada em 1944)
- Jung, C. G. (2014). *O livro vermelho*. Vozes.
- Jung, C. G. (2015). *Espiritualidade e transcendência* (B. Dorst, Org.; N. Schneider, Trad.). Vozes. (Obra original publicada entre 1875–1961)
- Jung, C. G. (2021). *Memórias, sonhos, reflexões* (35ª ed.). Nova Fronteira.
- Jung, C. G. (2022). *Espiritualidade e transcendência*. Vozes.
- Kaplan, B. (1980). *Swedenborg's philosophy of the spiritual world*. Swedenborg Foundation.
- Kaplan, R. (1980). *The invisible worlds of Emanuel Swedenborg: A biography and anthology*. Swedenborg Foundation.
- Kardec, A. (1859). *Revista espírita: Jornal de estudos psicológicos — 1859*. Federação Espírita Brasileira.

- Kardec, A. (2006). *O livro dos espíritos* (33ª ed., G. Ribeiro, Trad.). Federação Espírita Brasileira. (Obra original publicada em 1857)
- Kardec, A. (2007). *O que é o espiritismo* (24ª ed., G. Ribeiro, Trad.). Federação Espírita Brasileira. (Obra original publicada em 1859)
- Kirsch, T. B. (2000). *The Jungians: A comparative and historical perspective*. Routledge.
- Rocha, E. D. (2006). Carl Gustav Jung: A construção de uma psicologia espiritualista. In E. D. Rocha & F. R. Bastos (Orgs.), *Psicologia e religião: Novos caminhos na contemporaneidade* (pp. 43–68). Garamond.
- Stanley, M. (2007). *Emmanuel Swedenborg*. Madras Editora.
- Swedenborg, E. (1749–1756/1880). *Arcana coelestia: Os segredos do paraíso*. (Obra original publicada entre 1749 e 1756)
- Swedenborg, E. (1758/2001). *O céu e o inferno* (A. Blackwell, Trad.). Editora Pensamento. (Obra original publicada em 1758)
- Swedenborg, E. (2001). *Heaven and hell*. Swedenborg Foundation.
- Swedenborg, E. (2001). *O céu e o inferno* (J. S. Azevedo, Trad.). Editora da Fundação Swedenborg. (Obra original publicada em 1758)
- Swedenborg, E. (2008). *O céu e o inferno* (J. P. Tavares, Trad.). Edicel. (Obra original publicada em 1758)
- Swedenborg, E. (2015). *A Nova Jerusalém e sua doutrina celeste* (Nova tradução do latim). Tradução em português: Doutrinas Celestes.
- Swedenborg, E. (2015). *A verdadeira religião cristã*. Editora Swedenborgiana. (Obra original publicada em 1771)
- Swedenborg, E. (2015). *Divine love and wisdom*. Swedenborg Foundation.